

O marinheiro

de Fernando Pessoa
por Larissa Andrioli



AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2020.
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Autoria: Larissa Andrioli

Direção-geral: Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial: Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial: Wagner Nicaretta

Coordenação de projeto editorial: Brunna Mayra Vieira da Conceição

Edição de conteúdo: Julia da Rosa Silva

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Gerência de produção editorial:

Andréa Cozzolino

Coordenação de edição de texto: Anaiza

Castellani Selingardi

Edição de texto: Cláudio Leyria

Coordenação de revisão: Carla Vieira Cardoso Egídio

Revisão: Bianca da Silva Rocha e Vivian Prado de Souza

Coordenação de arte: Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Diagramação: Alexandre Moreira Lemes, Anderson de Oliveira e Guilherme Oliveira

Ilustração: Robson Araújo

Projeto gráfico e Capa: Kleber S. Portela

Coordenação de licenciamento e iconografia: Leticia Palaria de Castro Rocha

Analistas de licenciamento: Jade Cristina Bernardino

Coordenação de planejamento editorial: Rodolfo da Silva Alves

Planejamento editorial: Caroline Barbosa Lopes do Amaral e Maria Carolina das Neves Ramos

Coordenação de PCP: Anderson Flávio Correia

Analista de PCP: Vandrê Luis Soares

Colaboração externa: Cristiane Souza, Érica M. Bettoni Hayashibara e Fernando Barone (revisão)

Impressão e acabamento: PifferPrint

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequente correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

O marinheiro

de Fernando Pessoa



AOL

Análise de Obras Literárias

O marinheiro

de Fernando Pessoa

An illustration of a woman with long, wavy blonde hair lying in an open wooden coffin. She is wearing a white dress and has her hands clasped over her chest. The coffin is set on a wooden stand. To the left, a large, ornate wooden torch with a flame is positioned. The background is a textured, stone-like wall with a dark, shadowy area on the left. The overall style is a detailed, hand-drawn illustration with a somber and dramatic atmosphere.

Fernando Pessoa é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa. Em sua única peça teatral publicada, *O marinheiro*, que precede a maior parte da obra que o consagrou como escritor, ele aponta para muitos dos temas sobre os quais viria a se debruçar e a explorar ao longo de sua produção literária.



PRIMEIRA – Não falemos de nada, de nada... Está mais frio, mas por que é que está mais frio? Não há razão para estar mais frio. Não é bem mais frio que está... Para que é que havemos de falar?... É melhor cantar, não sei porquê... O canto, quando a gente canta de noite, é uma pessoa alegre e sem medo que entra de repente no quarto e o aquece a consolar-nos... Eu podia cantar-vos uma canção que cantávamos em casa de meu passado. Por que é que não quereis que vo-la cante?

TERCEIRA – Não vale a pena, minha irmã... quando alguém canta, eu não posso estar comigo. Tenho que não poder recordar-me. E depois todo o meu passado torna-se outro e eu choro uma vida morta que trago comigo e que não vivi nunca. É sempre tarde demais para cantar, assim como é sempre tarde demais para não cantar...

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: PESSOA, Fernando. "O marinheiro". In: Poemas Dramáticos. Lisboa: Ática, 1952.

INTRODUÇÃO ▼

Vastamente conhecido e estudado por sua obra poética, Fernando Pessoa também se dedicou à escrita de textos em prosa. Sua obra mais conhecida nesse formato é o *Livro do desassossego*, lançado sob seu heterônimo Bernardo Soares. No entanto, ele também publicou em vida a peça *O marinheiro*, que questiona a própria existência em um formato distante dos elementos que compõem o teatro tradicional.

Escrita e publicada em um contexto conturbado e marcado por mudanças sociais, políticas e culturais em todo o mundo, a peça se destaca pela inovação e pela inserção no movimento simbolista, que precedeu o Modernismo. O texto de Pessoa aposta em uma valorização das falas em detrimento dos elementos materiais do teatro, de modo que se torna um exemplo único e rico do teatro estático.

O brilhantismo do autor português, já tão celebrado por sua poesia, aparece em *O marinheiro* sob outra perspectiva. Essa obra é, portanto, uma leitura imperdível para qualquer admirador da literatura portuguesa.

SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888. Sua família pertencia à pequena aristocracia: ele era filho de Joaquim de Seabra Pessoa, funcionário público do Ministério da Justiça e crítico musical, e Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa. Aos 5 anos de idade, perdeu o pai, vítima de tuberculose, e, no ano seguinte, perdeu o irmão, Jorge, antes que este completasse 1 ano. Sua mãe se viu, portanto, obrigada a leiloar parte dos móveis que possuía, para obter algum dinheiro, e a se mudar com ele para uma casa menor e mais simples. Nesse momento, surgiu o primeiro heterônimo de Pessoa, chamado Chevalier de Pas.



**FERNANDO
PESSOA**

Em 1894, o comandante João Miguel Rosa começou a cortejar sua mãe, que se casou com ele pouco tempo depois. Com a nomeação do padraсто para cônsul na colônia britânica de Durban, situada na África do Sul, Pessoa mudou-se para a região e iniciou seus estudos na escola de freiras irlandesas da West Street. Em 1899, ingressou no Liceu de Durban, onde estudou por três anos. Por crescer imerso na língua inglesa, tinha pleno domínio do idioma e foi bastante influenciado por ele. Seus primeiros textos e estudos foram escritos em inglês, e Pessoa manteve contato íntimo com essa literatura, tornando-se um conhecido tradutor de Shakespeare e Edgar Allan Poe (de quem traduziu, por exemplo, *O corvo* e *Annabel Lee*). Continuou seus estudos na Durban Commercial School, enquanto se preparava para entrar na Universidade; e, embora não tenha obtido boa classificação no exame de admissão, recebeu o Prêmio Rainha Vitoria pelo seu ensaio de estilo inglês, que lhe garantiu a melhor nota entre todos os candidatos.

Ao final dos seus estudos na África do Sul, em 1905, retornou a Lisboa. Na capital portuguesa, matriculou-se no Curso Superior de Letras da Universidade de Lisboa, mas o abandonou antes de completar o primeiro ano e passou a se dedicar aos estudos de forma solitária e independente na Biblioteca Nacional. Esse período na universidade, no entanto, foi importante para que tivesse contato com escritores portugueses, interessando-se pelas obras de Cesário Verde e Padre Antonio Vieira. Com a morte de sua avó Dionísia, em 1907, recebeu uma pequena herança, utilizada para abrir uma modesta tipografia, que rapidamente foi à falência. Passou, então, a dedicar-se à tradução de correspondência comercial, trabalho que exerceu até o fim da vida.

Sua trajetória como poeta começou cedo, aos 7 anos, quando escreveu sua primeira poesia; aos 22, já produzia em português, inglês e francês. Sua produção passa diversos formatos de texto: poema, ensaio, peça teatral, novela, crítica literária, entre outros.

Em 1912, publicou seus primeiros artigos e ensaios, todos na revista *A Águia*, dentre os quais destacam-se *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*, *Reincindindo...* e *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*. Publicou também na revista literária *Orpheu*, responsável pelo lançamento do movimento modernista em Portugal, sob controvérsia e escândalo. A revista foi veículo dos ideais de renovação futurista defendidos pelo grupo, advogando pela liberdade de expressão em um momento de profunda instabilidade social e política em Portugal. Pessoa foi também diretor da revista em seu segundo número, com Mário de Sá-Carneiro. Anos depois, associou-se ao artista plástico Ruy Vaz para lançar a revista *Athena*, na qual publicou com seu próprio nome e sob seus diversos heterônimos.

Em 1934, inscreveu sua obra *Mensagem* no prêmio de poesia do Secretariado Nacional de Lisboa, conquistando o segundo lugar. A obra, única escrita em português publicada em vida, faz uma releitura de *Os Lusíadas*, de Camões.

No fim de 1935, foi internado com o diagnóstico de “cólica hepática” associada a uma possível cirrose causada pelo excesso de álcool consumido ao longo de sua vida. No dia 29 de novembro, escreveu em seus diários a frase em inglês “*I know not what tomorrow will bring*” (em português, “eu não sei o que o amanhã trará”); faleceu na noite seguinte, e seu funeral foi realizado no Cemitério dos Prazeres. Na comemoração do seu centenário de nascimento, o corpo de Pessoa foi levado para o Mosteiro dos Jerônimos, onde permanece até hoje.

Até sua morte precoce, aos 47 anos, Pessoa havia escrito – entre poemas, críticas literárias, cartas astrológicas, textos políticos, traduções e teorias linguísticas – mais de 25 mil páginas.

O autor e seu período

Fernando Pessoa é considerado um dos mais importantes poetas da língua portuguesa e foi uma figura central do Modernismo português. Sua poesia aborda temas tradicionais de seu país de origem e explora o lirismo saudosista, refletindo sobre o seu “eu profundo”, a solidão e o tédio.

Modernismo é o nome genérico atribuído ao grupo de movimentos culturais, estilos e escolas que surgiram nos mais diversos campos da arte na primeira metade do século XX. A base comum para esses diferentes movimentos é a ideia de que as formas “tradicionais” de conceber a arte estavam ultrapassadas e era necessário deixá-las de lado, estabelecendo novos paradigmas. A partir disso, houve uma reflexão sobre todos os aspectos da existência, que não se restringiu, portanto, ao campo cultural. O movimento modernista poderia ser simplificado descrito como uma rejeição da tradição e uma tentativa de olhar para as

questões existentes e enxergar um novo propósito, levando em consideração técnicas e ideias que estavam em evidência no começo do século XX. O movimento artístico conhecido como Impressionismo foi um dos primeiros a ser visto como “moderno”, considerando sua aversão à tradição. Na literatura, o foco dado, pelo Simbolismo, às sensações foi de grande influência nos movimentos modernistas.

Diante das mudanças cada vez mais evidentes na sociedade, a partir da década de 1890 surge a linha de pensamento modernista, que defende que não basta revisitar o conhecimento do passado sob uma nova perspectiva; é necessário implantar mudanças mais drásticas. Essa ruptura foi posta em prática nos primeiros 15 anos do século XX por uma série de escritores, artistas e pensadores que se propuseram a reorganizar as artes de modo paralelo às mudanças que estavam em desenvolvimento na sociedade.



Em Portugal, o Modernismo começou a se desenvolver no início do século XX e se estendeu até o fim do Estado Novo, na década de 1970. Seu contexto de surgimento é muito complexo e conturbado, confundindo-se com a Primeira Guerra Mundial, que teve início em 1914, e a Revolução Russa de 1917. Portugal havia recentemente também eleito seu primeiro presidente da República, em 1911.

A produção literária e artística em Portugal, no início do século XX, ainda estava profundamente ligada ao classicismo racional e naturalista, evidenciando uma grande resistência à inovação. Essa produção intelectual em declínio estava relacionada a uma decadência política, com interesses burgueses suprimindo interesses culturais.

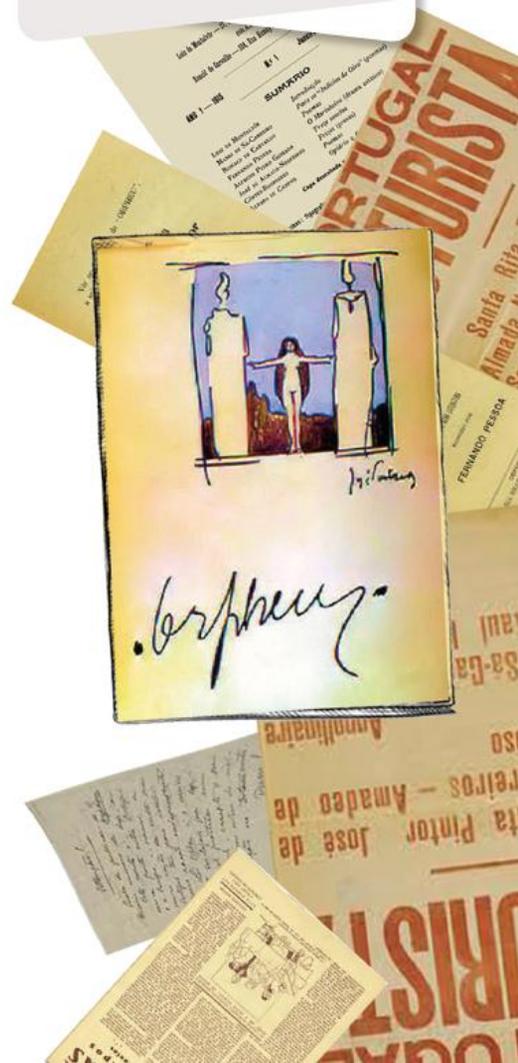
O Modernismo português tem como marco inicial a publicação, em 1915, da revista *Orpheu*, notadamente influenciada por correntes artísticas europeias, sendo uma delas o Futurismo. Os modernistas portugueses responderam a uma situação social de crise e desagregação de valores, mergulhando na vertigem das sensações da vida moderna, recheada de máquinas, velocidade e técnica. Para ser possível se comprometer totalmente com esse futuro, era necessário abandonar o passado. A poesia publicada pela revista *Orpheu* era complexa e de difícil acesso; por essa razão, foi recebida com choque e escândalo. A revista, no entanto, teve apenas dois números publicados.

Como características do Modernismo, especificamente do português, podemos colocar o rompimento com o passado, o tom anárquico, as intenções demolidoras e irreverentes e a exibição de diversas faces do nacionalismo (tanto o nacionalismo ufanista, mais conservador, quanto o nacionalismo crítico, que questiona a situação social e cultural do país). Em Portugal, esse movimento pode ser dividido em três fases: orfismo, presencismo e neorealismo.

O **orfismo** foi composto pelos responsáveis pela revista *Orpheu*. Foi agente da introdução do Modernismo em Portugal, e seus nomes mais proeminentes são Fernando Pessoa, Mario de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Além dos poemas escandalosos publicados na revista, ela contou também com pinturas futuristas de Santa-Rita Pintor, que igualmente chocaram o público. Essa era justamente a intenção dos envolvidos: escandalizar a burguesia, apresentando uma poesia livre de métrica e inserindo Portugal no contexto cultural europeu, que estava, na época, fervilhando com o Futurismo. A revista, mesmo tendo durado pouco, influenciou muitos artistas e fomentou o surgimento de novas publicações de arte.

Observação:

O Futurismo foi um movimento artístico e literário do início do século XX. Seu nascimento oficial foi em 1909, com a publicação do *Manifesto Futurista*, escrito pelo italiano Filippo Tommaso Marinetti e publicado no jornal francês *Le Figaro*. O movimento rejeitava o moralismo e o passado de forma radical, pregando, inclusive, a destruição material de instituições tradicionais, como museus. Suas obras baseavam-se na velocidade e no desenvolvimento tecnológico.



O **presencismo** também surgiu por meio da publicação de uma revista, a *Presença*, e o objetivo de seus artistas era aprofundar as discussões sobre novas formas de expressão em Portugal, sem, no entanto, romper com a fase anterior. Os autores dessa geração prezavam por uma literatura de caráter universalizante, distante de temas políticos e religiosos. A revista surgiu em 1927 e foi publicada até 1940, período no qual criou, em torno de si, um movimento que se inseriu intelectualmente na linha de pensamento e intervenção iniciada pelo orfismo. Seus artistas mais proeminentes são José Régio, Miguel Torga e Adolfo Cassaes Monteiro. A revista foi a principal responsável por dar continuidade às ideias modernistas, muito embora tenha defendido uma literatura mais intimista e experimental.

O **neorrealismo** surge com a publicação do romance *Gaibéus*, de Alves Redol. Nesse período, a postura adotada pelos participantes era o combativismo, denunciando a opressão social e o autoritarismo da ditadura salazarista. Esse Realismo social rompe com o individualismo e o intelectualismo propagado pelo presencismo e denuncia as desigualdades objetivando a transformação da sociedade. São temas comuns a migração, o desemprego e as misérias do povo em geral. Grandes nomes do movimento incluem Alves Redol, Ferreira de Castro e Manuel da Fonseca.

Alguns estudiosos consideram que houve ainda uma quarta geração no Modernismo português: o **surrealismo**, baseado na escrita automática, na livre associação de ideias e palavras e na modificação de estruturas da realidade, tendo como base o plano onírico. Alguns de seus representantes foram Alexandre O'Neill, José Augusto França e Natália Correia.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

- 35 Sonnets (1918)
- *Antinous* (1918)
- *English Poems, I, II e III* (1921)
- *Mensagem* (1934)
- *Poesias de Fernando Pessoa* (1942)
- *Poesias de Álvaro de Campos* (1944)
- *A Nova Poesia Portuguesa* (1944)
- *Poesias de Alberto Caeiro* (1946)
- *Odes de Ricardo Reis* (1946)
- *Poemas Dramáticos* (1952)
- *Poesias Inéditas I* (1955)
- *Poesias inéditas II* (1956)
- *Textos Filosóficos – 2 volumes* (1968)
- *Novas Poesias Inéditas* (1973)
- *Poemas Ingleses Publicados por Fernando Pessoa* (1974)
- *Cartas de Amor de Fernando Pessoa* (1978)
- *Sobre Portugal* (1979)
- *Textos de Crítica e de Intervenção* (1980)
- *Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões* (1982)
- *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes Rodrigues* (1985)
- *Obra Poética de Fernando Pessoa* (1986)
- *O Guardador de Rebanhos, de Alberto Caeiro* (1986)
- *Primeiro Fausto* (1986)

Aspectos gerais da produção literária do autor

A principal produção estética de Fernando Pessoa é, possivelmente, sua criação heteronímica. O heterônimo, ao contrário do pseudônimo, é uma personalidade poética completa, com características próprias, estilo, história. Ela se torna real por meio de sua manifestação artística, que difere da de seu criador. Pessoa criou uma série de heterônimos, de modo que sua própria personalidade e sua produção passaram a ser chamadas de ortônimas. Dentre os diversos heterônimos que criou, os mais famosos, importantes e com mais produção são Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Há também outro heterônimo importante, Bernardo Soares, que é considerado, na verdade, um semi-heterônimo. Ao se apropriar de heterônimos, Fernando Pessoa propôs uma reflexão sobre verdade, ficção e identidade. Os estudos mais amplos sobre esse autor apontam para a existência de algo entre 72 e 127 heterônimos.

Observação:

Em 1984, José Saramago – renomado autor português – vencedor do Prêmio Nobel de Literatura – publicou o livro *O ano da morte de Ricardo Reis*, no qual ficcionaliza o heterônimo e acompanha sua vida até o momento de sua morte. Ao mesmo tempo, o autor traça uma genealogia do fascismo na Europa, especialmente em Portugal.



Fernando Pessoa ortônimo

A obra ortônima de Pessoa, ou seja, a produção literária assinada com seu próprio nome, apresenta diversas fases; de forma geral, no entanto, está atrelada a um patriotismo perdido. Em vários momentos, apresentou influência de algumas doutrinas religiosas e sociedades secretas, de modo que sua poesia tem certo ar mítico, heroico e, por vezes, trágico. É considerado simbolista e modernista, pela indefinição, insatisfação e inovação do discurso poético. Sua poesia também foi marcada pela musicalidade e pela subjetividade, focada na metalin-guagem e nos temas relacionados a Portugal. Sua obra mais expressiva é *Mensagem*, uma coletânea de poemas sobre grandes personagens históricos portugueses.

A seguir, leia um dos mais memoráveis poemas da obra.

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 10 ed.
Lisboa: Ática, 1972.



Heterônimos

A heteronímia da poesia de Fernando Pessoa produziu uma gama de personalidades com características, estilos e temáticas diferentes. A existência dos heterônimos extrapolava o campo poético, uma vez que cada um deles possuía também história própria, data de nascimento, características físicas e concepções políticas e religiosas.

Alberto Caeiro

A poesia de Alberto Caeiro parte de uma linguagem simples e direta, principalmente devido a seu modo de vida ligado à natureza. Nascido em Lisboa, completou apenas os estudos primários e viveu quase toda a sua vida como camponês; ainda assim, é considerado o mestre dos heterônimos e do próprio Fernando Pessoa. Para esse heterônimo, as sensações e as experiências simples da própria existência têm mais valor do que o conhecimento formal, obtido por meio de livros e teorias. Nos escritos de Pessoa sobre a caracterização dos seus heterônimos, Alberto Caeiro tem um papel quase místico, chegando a ser comparado por Ricardo Reis e Bernardo Soares ao deus Pã, da mitologia grega. Caeiro foi o único dos principais heterônimos de Pessoa a escrever somente poesia, alegando que apenas essa escrita poderia dar conta da realidade.

Há metafísica bastante em não pensar em nada

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

*O que penso eu do Mundo?
Sei lá o que penso do Mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.
[...]
O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o Sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o Sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do Sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do Sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.
[...]*

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*.
10 ed. Lisboa: Ática, 1946.

Álvaro de Campos

Álvaro de Campos foi o único dos heterônimos de Pessoa a apresentar diferentes fases em sua obra. De origem portuguesa, estudou na Escócia e sempre falava sobre o ser estrangeiro em qualquer lugar do mundo. O início de sua produção se associa ao Decadentismo, mas depois o poeta adere ao Futurismo. Crítico da sociedade, defende a velocidade e a vida moderna por meio de uma linguagem livre e radical. Por fim, chega a sua fase niilista, representada pela desilusão, como se pode observar no poema a seguir.

Tabacaria

*Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

*Janelas do meu quarto,
[...]
Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tomando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.*

*Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.*

*Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
[...]
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?
[...]*

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro Campos*. Lisboa: Ática, 1944.

Ricardo Reis

Ricardo Reis era médico e recebeu uma formação clássica, de modo que suas produções apresentam linguagem culta e estilo neoclássico. É descrito por Pessoa como latinista e monárquico, tendo se mudado para o Brasil após a proclamação da república em Portugal, como protesto. Em sua obra, Ricardo Reis aborda a mitologia não cristã, a vida e a morte, e simboliza a herança clássica na literatura ocidental por meio da simetria, da harmonia e do bucolismo com elementos epicuristas e estoicos. O fim dos seres humanos é um tema constante na escrita desse heterônimo; contudo, não se sabe o ano da sua morte.

Só esta liberdade nos concedem

Só esta liberdade nos concedem

Os deuses: submetemo-nos

Ao seu domínio por vontade nossa.

Mais vale assim fazermos

Porque só na ilusão da liberdade

A liberdade existe.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem

O eterno fado pesa,

Usam para seu calmo e possuído

Convencimento antigo

De que é divina e livre a sua vida.

Nós, imitando os deuses,

Tão pouco livres como eles no Olimpo,

Como quem pela areia

Ergue castelos para encher os olhos,

Ergamos nossa vida

E os deuses saberão agradecer-nos

O sermos tão como eles.

PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa: Ática, 1946.

Glossário

- **Epicurismo:** doutrina de concepção materialista da natureza que busca o comedimento dos prazeres, os quais devem passar pela reflexão intelectual.
- **Estoicismo:** doutrina baseada na ética da imperturbabilidade, da negação das paixões e da aceitação do destino.

Bernardo Soares

Bernardo Soares é considerado um “semi-heterônimo” de Pessoa, ou *alter ego*, por se assemelhar muito ao próprio Pessoa, que se referiu a ele como uma mutilação de sua própria personalidade: ele menos o raciocínio e a afetividade. Sua principal obra é o *Livro do desassossego*, uma das precursoras da ficção portuguesa no século XX. É uma espécie de autobiografia em fragmentos que conta a história de Bernardo Soares, um guarda-livros em Lisboa que conheceu Fernando Pessoa, a quem entregou seus escritos. A ficção desenvolvida no livro, no entanto, é quase insignificante, por se tratar de uma “autobiografia sem fatos”. O grande atrativo da obra é a dramaticidade das reflexões humanas, apresentadas em uma escrita que se reconhece como inviável e imperfeita, no limite do tédio e da indiferença escrita. A proximidade entre as personalidades de Pessoa e Soares mostra como a ficção de si mesmo atingiu níveis complexos na obra do autor português.

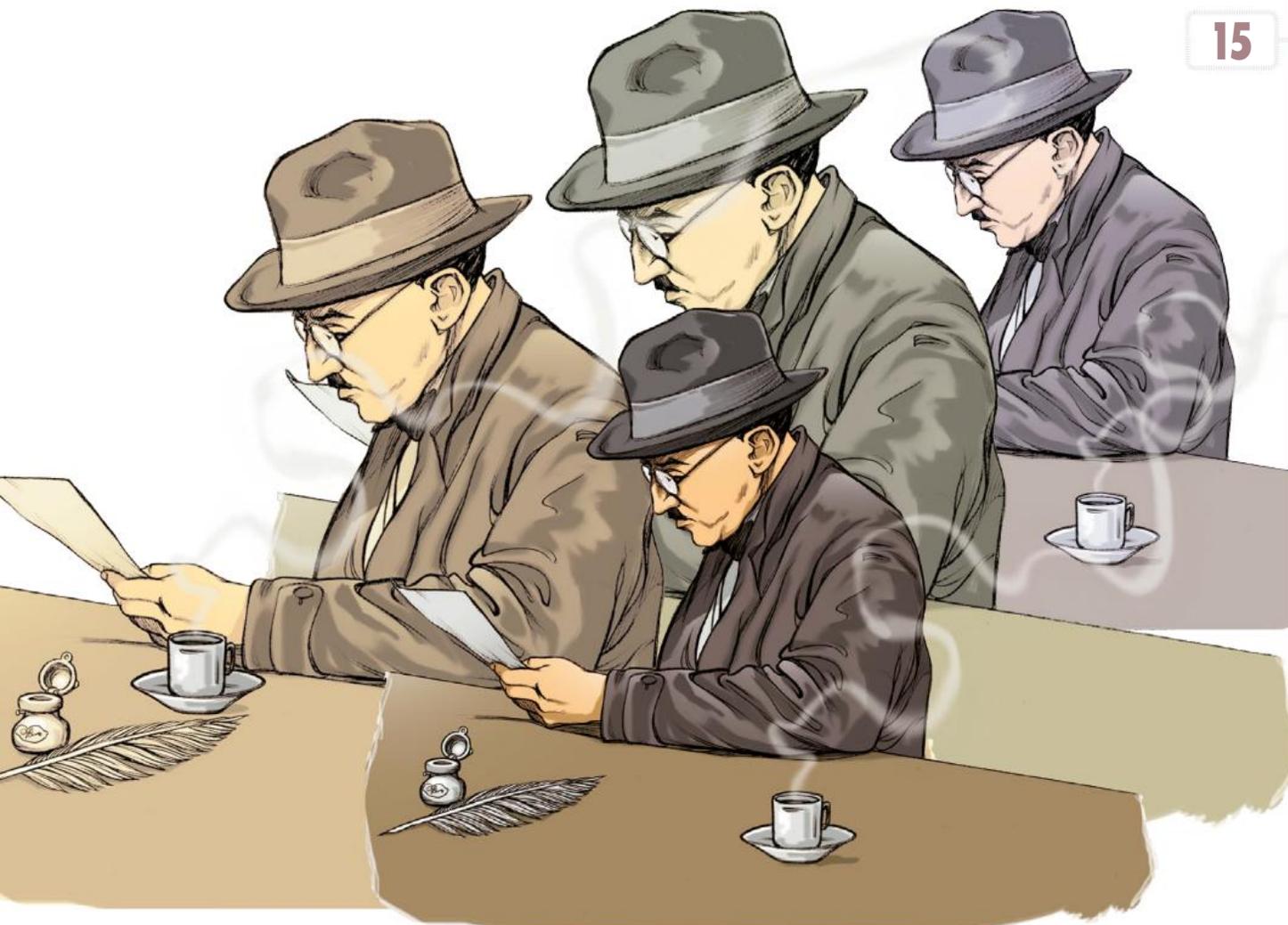
Mais que uma vez, ao passear lentamente pelas ruas da tarde

Mais que uma vez, ao passear lentamente pelas ruas da tarde, me tem batido na alma, com uma violência súbita e estonteante, a estranhíssima presença da organização das coisas. Não são bem as coisas naturais que tanto me afectam, que tão poderosamente me trazem esta sensação: são antes os arruamentos, os letreiros, as pessoas vestidas e falando, os empregos, os jornais, a inteligência de tudo. Ou, antes, é o facto de que existem arruamentos, letreiros, empregos, homens, sociedade, tudo a entender-se e a seguir e a abrir caminhos.

Reparo no homem directamente, e vejo que é tão inconsciente como um cão ou um gato; fala por uma inconsciência de outra ordem; organiza-se em sociedade por uma inconsciência de outra ordem, absolutamente inferior à que empregam as formigas e as abelhas na sua vida social. E então, tanto ou mais que da existência de organismos, tanto ou mais que da existência de leis físicas rígidas e intelectuais, se me revela por uma luz evidente a inteligência que cria e impregna o mundo.

[...]

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, 1982. v. 2.



Aspectos gerais sobre a obra analisada

A peça *O marinheiro* foi escrita em outubro de 1913, mas não chegou a ser representada enquanto Pessoa estava vivo. Após tentar (e não conseguir) publicá-la em duas revistas – *A águia* e *Renascença* –, a obra veio a público em 1915, estampada no primeiro número da revista *Orpheu*. Embora seja conhecido por sua poesia, Pessoa descreveu a si mesmo, em 1935, em carta a Adolfo Casais Monteiro, como dramaturgo; essa seria, segundo ele, a essência por trás das máscaras do poeta, especialmente no que diz respeito à sua criação de heterônimos.

A peça foi definida pelo próprio autor como um “drama estático”, ou seja, uma peça sem ação que aborda o drama dentro do drama e na qual o tempo e o espaço não se encontram ligados a uma referência específica. *O marinheiro* também condensa a maior parte dos temas sobre os quais Pessoa se debruça em sua obra poética, de modo que pode ser lido como um germen de sua criação poética.

As falas do texto contêm em si um ritmo que demonstra sua raiz poética, observado no trecho seguir.

TERCEIRA – Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. As minhas palavras presentes, mal eu as digo, pertencerão logo ao passado, ficarão fora de mim, não sei onde, rígidas e fatais... Falo, e penso nisto na minha garganta, e as minhas palavras parecem-me gente... Tenho um medo maior do que eu. Sinto na minha mão, não sei como, a chave de uma porta desconhecida. E toda eu sou um amuleto ou um sacrário que estivesse com consciência de si próprio. É por isto que me apavora ir, como por uma floresta escura, através do mistério de falar... E, afinal, quem sabe se eu sou assim e se é isto sem dúvida que sinto?...

O texto teatral se baseia na ideia de que ele será representado, colocado em ação por atores. Além disso, o texto é somente uma parte do espetáculo, que, como um todo, dependerá também de atores, figurinistas, cenógrafos e até mesmo do público. O texto em si, no entanto, não pode ser um texto qualquer; deve apresentar aspectos artísticos que indiquem ao ator como se portar e se exprimir no palco. Assim, é comum que as falas em textos teatrais venham acompanhadas de indicações de humor ou ação da personagem. Quando lemos uma peça, estamos lendo apenas o texto; o espetáculo em sua totalidade só é acessado quando podemos de fato assistir à peça representada.

O *marinheiro*, porém, difere da grande maioria das peças justamente por não poder ser classificada como um “drama de ação”, um “drama de personagem” ou um “drama de espaço”, já que é, basicamente, um **drama estático**. Assim, não temos a impressão de que ele foi escrito por Pessoa com a finalidade de ser representado em algum momento, destinando-se somente a ser lido, ao contrário do que ocorre com outros textos teatrais.

O cenário descrito pelo autor mostra três veladoras conversando entre si. Elas falam sobre outra personagem, que é evocada por meio de um sonho: um marinheiro perdido em uma ilha. A última personagem a aparecer é uma donzela, que jaz morta em um caixão no centro da cena. Não há nenhuma indicação de tempo ou espaço para a cena que acontece, e as três veladoras parecem, ao longo do texto, se fundir em apenas uma. Assim, é posta em dúvida a separação entre realidade e sonho: seria o marinheiro o sonho das veladoras ou seriam elas o sonho do marinheiro e ele o único personagem real? Com isso, notam-se, na obra, os questionamentos recorrentes de Pessoa acerca do ser e do vazio da existência.

A peça ainda traz outro elemento significativo: a presença do caixão, que aponta para a morte, um tema recorrente na poesia pessoana. Especialmente na obra de Álvaro de Campos e na de Pessoa como si mesmo, esse é um tema que se apresenta por meio da transcendência e da metafísica, que materializa um conflito entre o mistério da morte e o apego à racionalidade. Essa dualidade aparece na peça, na qual temos as duas primeiras veladoras perdendo-se em imagens recheadas de memória ou emoção, enquanto a terceira se apresenta racional e objetiva. Observe:

Glossário

- **Veladora:** mulher responsável por velar o corpo de um morto.



TERCEIRA – *Por que não haverá relógio neste quarto?*

SEGUNDA – *Não sei... Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e misterioso. A noite pertence mais a si própria... Quem sabe se nós poderíamos falar assim se soubéssemos a hora que é?*

PRIMEIRA – *Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo Dezembro na alma... Estou procurando não olhar para a janela.. Sei que de lá se vêem, ao longe, montes... Eu fui feliz para além de montes, outrora... Eu era pequenina. Colhia flores todo o dia e antes de adormecer pedia que não mas tirassem... Não sei o que isto tem de irreparável que me dá vontade de chorar... Foi longe daqui que isto pôde ser... Quando virá o dia?...*

TERCEIRA – *Que importa? Ele vem sempre da mesma maneira... sempre, sempre, sempre...*

O *marinheiro* surge após um período de crise social e cultural no fim do século XIX. Com a saturação do otimismo do desenvolvimento industrial e do progresso científico, surge o Simbolismo, que busca se voltar para o ego e encontrar o eu profundo por meio da transcendência do mundo real. A linguagem simbolista, muito presente na peça, explora temas místicos, mistério e ilusão. Uma característica essencial para entender o Simbolismo é justamente a musicalidade, que é recuperada nos versos e textos; além disso, é possível identificar uma busca pela essência misteriosa dos seres por meio de símbolos que levam a uma nova percepção da linguagem. A arte simbolista também se caracteriza por um tom fatalista, marcado pelo pessimismo, pela morte e pela dor, além de exaltar a expressão pela voz, pela fala; justamente por isso, os simbolistas exaltam a literatura teatral. O *marinheiro* segue as mesmas diretrizes do teatro simbolista do fim do século XIX. Ao não apresentar uma sequência de ações, somente diálogo, a peça conta com um único cenário, privilegiando a imaginação e exigindo que as personagens se tornem materiais e palpáveis somente por meio da fala.

A diferença entre o drama estático e o de ação é que aquele, justamente por deixar de lado a caracterização e a ocorrência de uma situação com começo, meio e fim, pode demonstrar um teatro mais filosófico. O *marinheiro* apresenta um quadro rígido: a história se desenvolve em um único cômodo e as veladoras (bem como o cadáver) jamais se retiram de seus lugares. A composição da cena também é simbolista, com o cenário isolado do mundo lá fora, exceto por uma pequena janela alta e estreita, através da qual é possível ver dois montes e um pedaço de mar. A janela aparece como uma metáfora do isolamento do ser humano, que é vastamente abordado na obra de Pessoa. Nesse cenário, as três veladoras se apresentam envoltas em mistério, cada uma de uma forma. O caixão, que domina a peça, alude à morte como a única realidade da vida, enquanto a presença das veladoras, que permanecem sem nome, aponta para a valorização simbolista da captação do sentido das coisas pelo símbolo. A peça representa a impotência do ser humano, especialmente diante da morte; já as personagens representam a passividade enquanto conversam sobre uma vida baseada na imaterialidade e no sonho.

Observação:

Na literatura, Charles Baudelaire foi o maior expoente do movimento simbolista. No Brasil, talvez o poema mais icônico seja *Violões que choram*, de Cruz e Souza, que explora a sonoridade das palavras, como mostra o trecho a seguir:

[...]

*Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.*

[...]

SOUSA, João da Cruz. *Poesias completas*.
Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

Entre os principais nomes da pintura simbolista, podem ser mencionados Gustave Moreau, Odilon Redon e Maurice Denis. O pintor norueguês Edvard Munch, famoso pelo quadro *O grito*, também participou do movimento simbolista antes de se tornar um expoente do Expressionismo.

A ausência de uma temporalidade específica aponta para a efemeridade, outro elemento do Simbolismo. As quatro figuras centrais da peça podem se relacionar ao próprio Pessoa e a seus heterônimos; nesse caso, as três veladoras seriam os três nomes principais – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos – e a figura no caixão, o próprio Pessoa, que precisa “morrer” para que nasçam os outros.

Ao longo da leitura, os limites entre sonho e realidade são questionados, de modo que o leitor ou espectador também pondere sobre as fronteiras entre ficção e realidade, sendo absorvido, assim, pela obra. A linguagem da peça, ritmada e musical, embala a leitura, não deixando dúvidas de que se trata de um teatro simbolista. O teatro é uma forma de arte muito complexa, de modo que, para refletir sobre o drama de Pessoa, é necessário levar em consideração que o escritor revestiu esse texto com as características que marcariam seus trabalhos futuros. É possível encontrar muitas variações poéticas nessa obra, que também se repetem na poesia dos heterônimos e do ortônimo.

Uma característica que perpassa toda a escrita de Pessoa e suas outras personalidades poéticas é a dúvida, a contradição. Alguns dos pares opostos principais aparecem também em *O marinheiro*. São eles: ser/não ser, nada/tudo, dentro/fora, pensamento/sentimento. Como exemplo, no início da peça, temos o seguinte questionamento de uma das veladoras:

SEGUNDA – Não, não falemos nisso. De resto, fomos nós alguma coisa?

A questão é mais profunda do que parece, apresentando um reconhecimento da própria insignificância, cuja sequência demonstra ênfase na dicotomia ser/não ser.

SEGUNDA – [...] fomos nós alguma coisa? [...] Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse... [...] Não podemos ser o que queremos ser, porque o que queremos ser... [...]

PRIMEIRA – Não desejais, minha irmã, que nos entretenhamos contando o que fomos? [...] Falai, portanto, sem reparardes que existis... Não nos íeis dizer quem éreis? [...] Se nada existisse, minhas irmãs? Se tudo fosse, qualquer modo, absolutamente coisa nenhuma?

TERCEIRA – [...] Há alguma razão para qualquer coisa ser o que é? [...] O que eu era outrora já não se lembra de quem sou... Pobre da feliz que eu fui!...

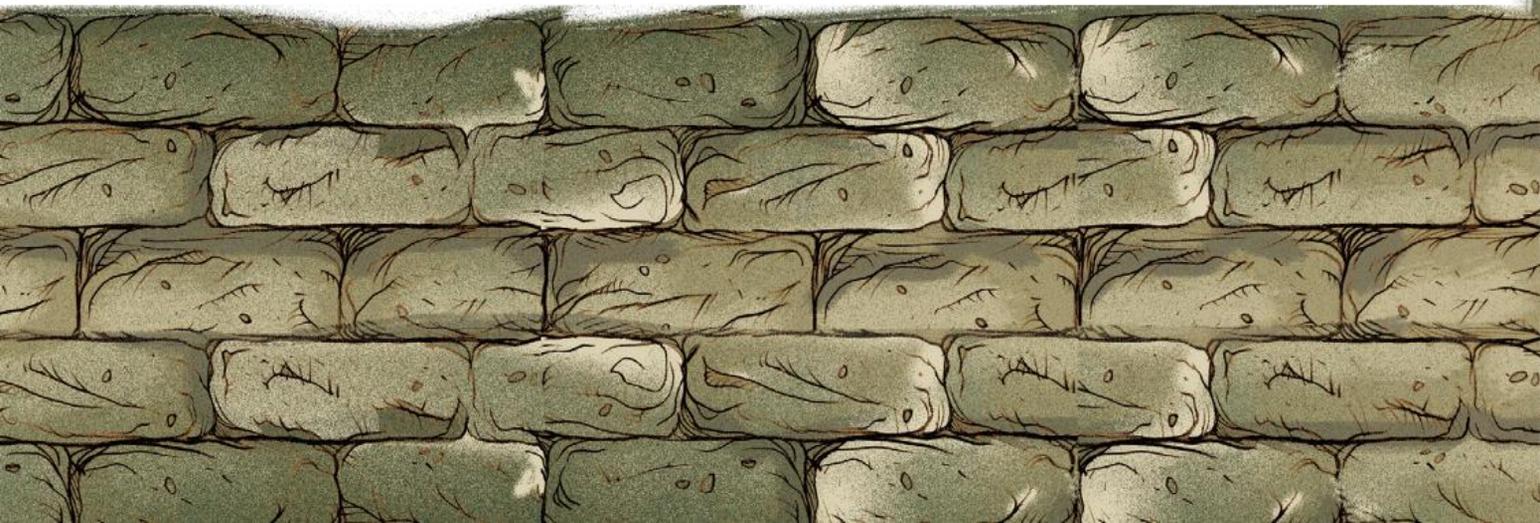
A abordagem do tema ecoa em Álvaro de Campos, heterônimo no qual também veremos a expressão mais intensa da relação entre tudo e nada.

Em *O marinheiro*, podemos encontrar ainda outros trechos que apresentam essas oposições:

SEGUNDA – [...] Ainda há pouco, quando eu não pensava em nada, estava pensando no meu passado.

[...]

PRIMEIRA – Se tudo fosse, qualquer modo, absolutamente coisa nenhuma?



A oposição entre dentro e fora é uma das mais marcantes em *O marinheiro*. As veladoras, personagens centrais da peça, encontram-se dentro de um quarto, enquanto é possível ver pela janela o mar lá fora. Essa janela é a única ligação que há entre as jovens e o exterior, funcionando como uma alegoria da realidade; já dentro do quarto, temos o sonho. A oposição aparece mais uma vez no fim da peça:

Um galo canta. A luz, como que subitamente, aumenta. As três veladoras quedam-se silenciosas e sem olharem umas para as outras.

Não muito longe, por uma estrada, um vago carro geme e chia.

As indicações de realidade aparecem todas no ambiente externo (o galo cantando, o carro chiando), e o ambiente interno, até então dominado pelo sonho, é invadido por um elemento externo (a luz), despertando as veladoras para o sonho.

Outra oposição que pode ser identificada na peça se dá entre pensamento e sentimento e embasa o confronto entre sonho e realidade, entre emoção e razão. Essa oposição também aparece de forma muito acentuada na obra de Caeiro.

Há diversas conexões e diálogos entre *O marinheiro* e o restante da obra de Fernando Pessoa, seja ortônima ou heterônima, tanto por meio de temas que se repetem como de trechos que remetem diretamente a poemas. Há, ainda, a conexão estabelecida pela imagem do mar, que permeia toda a escrita poética do autor e que aqui aparece como a conexão entre as personagens e o mundo externo, a realidade.

Ao comparar as personagens da peça e a poesia de Pessoa, além dos temas em comum, é possível fazer aproximações com os próprios heterônimos, que se manifestam em personagens específicas, conforme mencionado anteriormente. A primeira veladora faz muitas menções à natureza e se mostra muito subjetiva, de modo que pode ser aproximada de Alberto Caeiro. Sua linguagem também é direta e natural, sempre concentrada no sentir. Já a segunda veladora demonstra uma forma humanística de ver o mundo, em um prenúncio ao culto a entidades pagãs; sua figura se mostra muito próxima, portanto, a Ricardo Reis. Já o espírito inconformado que crava suas raízes no desespero, próprio de Álvaro de Campos, ecoa na terceira veladora. O próprio Pessoa poderia ser visto como a figura da donzela que jaz no caixão, cuja morte chega a ser questionada em determinado momento por uma das veladoras, a qual sugere que aquela talvez pudesse ouvi-las conversando.

Com esses elementos, *O marinheiro* consegue ser, ao mesmo tempo, uma obra semente – que aponta para toda a poesia de Pessoa e é, portanto, recheada de significados, simbolismos e camadas – e uma peça minimalista – pois recusa todas as regras básicas do teatro de ação realista, o que faz com que a obra seja inovadora e referência não só dentro do drama simbolista, mas também da literatura de língua portuguesa de forma geral.



QUESTÕES

1. Leia o trecho do poema a seguir.

[...]

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.

A aprendizagem que me deram,

Desci dela pela janela das traseiras da casa,

Fui até ao campo com grandes propósitos.

Mas lá encontrei só ervas e árvores,

E quando havia gente era igual à outra.

Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?

[...]

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*.
Lisboa: Ática, 1944.

Considerando as possibilidades de comparação entre os heterônimos de Fernando Pessoa e as personagens da peça *O marinheiro*, em qual dos trechos a seguir ecoam as mesmas ideias do poema acima?

- (A) “O mar era grande demais para fazer pensar nelas... Na vida aquece ser pequeno... Éreis feliz, minha irmã?”
- (B) “Lembrar-me dele é como não me poder lembrar de nada... Quem sabe por que é que eu digo isto e se fui eu que vivi o que recordo?”
- (C) “Tenho que não poder recordar-me. E depois todo o meu passado torna-se outro e eu choro uma vida morta que trago comigo e que não vivi nunca.”
- (D) “Quando reparei para mim, vi que já tinha esse meu sonho... Não sei onde ele teve princípio...”

2. Em sua peça *O marinheiro*, Fernando Pessoa explora diversos temas que abordará novamente ao longo de sua obra, seja ela ortônima ou heterônima. Leia o trecho a seguir, retirado do texto teatral, e, na sequência, responda à pergunta.

PRIMEIRA – Não dizíamos nós que íamos contar o nosso passado?

SEGUNDA – Não, não dizíamos.

TERCEIRA – Por que não haverá relógio neste quarto?

SEGUNDA – Não sei... Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e misterioso. A noite pertence mais a si própria... Quem sabe se nós poderíamos falar assim se soubéssemos a hora que é?

PRIMEIRA – Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo Dezembro na alma... Estou procurando não olhar para a janela.. Sei que de lá se vêem, ao longe, montes... Eu fui feliz para além de montes, outrora... Eu era pequenina. Colhia flores todo o dia e antes de adormecer pedia que não mas tirassem... Não sei o que isto tem de irreparável que me dá vontade de chorar... Foi longe daqui que isto pôde ser... Quando virá o dia?...

TERCEIRA – Que importa? Ele vem sempre da mesma maneira... sempre, sempre, sempre...

Quais características aparecem nesse trecho e são compartilhadas entre a primeira veladora e o heterônimo Alberto Caeiro?

- (A) Desilusão, anseio pela pátria perdida e culto ao paganismo.
- (B) Subjetivismo, bucolismo e simplicidade na linguagem.
- (C) Culto ao paganismo, saudosismo e bucolismo.
- (D) Subjetivismo, anseio pela pátria perdida e simplicidade na linguagem.

3. Um dos grandes heterônimos de Fernando Pessoa é Ricardo Reis, o monarquista que se mudou para o Brasil após a proclamação da república em Portugal. Assinale a alternativa que apresenta um trecho da peça *O marinheiro* que aponta para uma característica marcante da poesia de Reis.

- (A) “Tudo ali era longo e feliz como o canto de duas aves, uma de cada lado do caminho...”
- (B) “Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer.”
- (C) “E, afinal, quem sabe se eu sou assim e se é isto sem dúvida que sinto?...”
- (D) “Falai-me das fadas. Nunca ouvi falar delas a ninguém...”

4. Leia o trecho a seguir, retirado da peça *O marinheiro*, publicada por Fernando Pessoa em 1915, e, na sequência, responda à questão.

SEGUNDA – *À beira-mar somos tristes quando sonhamos... Não podemos ser o que queremos ser, porque o que queremos ser queremos-lo sempre ter sido no passado... Quando a onda se espalha e a espuma chia, parece que há mil vozes mínimas a falar. A espuma só parece ser fresca a quem a julga uma... Tudo é muito e nós não sabemos nada... Quereis que vos conte o que eu sonhava à beira-mar?*

PRIMEIRA – *Podeis contá-lo, minha irmã; mas nada em nós tem necessidade de que no-lo conteis... Se é belo, tenho já pena de vir a tê-lo ouvido. E se não é belo, esperai..., contai-o só depois de o alterardes...*

SEGUNDA – *Vou dizer-vo-lo. Não é inteiramente falso, porque sem dúvida nada é inteiramente falso. Deve ter sido assim... Um dia que eu dei por mim recostada no cimo frio de um rochedo, e que eu tinha esquecido que tinha pai e mãe e que houvera em mim infância e outros dias – nesse dia vi ao longe, como uma coisa que eu só pensasse em ver, a passagem vaga de uma vela. Depois ela cessou... Quando reparei para mim, vi que já tinha esse meu sonho... Não sei onde ele teve princípio... E nunca tomei a ver outra vela... Nenhuma das velas dos navios que saem aqui de um porto se parece com aquela, mesmo quando é lua e os navios passam longe devagar...*

Identifique, no trecho, características presentes na peça que também aparecem na poesia de Pessoa.

5. Analise as afirmações a seguir:

- I. A primeira veladora aparece como um prenúncio de Álvaro de Campos, sintetizando seus valores de bucolismo, classicismo e desilusão.
- II. A peça é um drama fora do convencional, lido como um texto minimalista e estático.
- III. A peça se apresenta como obra simbolista e tem como principal característica o formato tradicional do teatro.
- IV. A terceira veladora representa a poesia ortônima de Fernando Pessoa.
- V. A segunda veladora pode ser identificada como uma semente de Ricardo Reis, principalmente no que diz respeito ao culto a entidades pagãs.

Quais delas estão **incorretas**?

- A I, III e IV. C I, IV e V.
 B II, III e V. D II, IV e V.

6. A peça *O marinheiro*, publicada por Fernando Pessoa em 1915, revela traços do teatro simbolista. Aponte três características simbolistas que podem ser identificadas na peça.

7. Com base no trecho a seguir, identifique qual heterônimo de Pessoa se relaciona com a personagem em questão.

PRIMEIRA – *Por mim, amo os montes... Do lado de cá de todos os montes é que a vida é sempre feia... Do lado de lá, onde mora minha mãe, costumávamos sentarmo-nos à sombra dos tamarindos e falar de ir ver outras terras... Tudo ali era longo e feliz como o canto de duas aves, uma de cada lado do caminho... A floresta não tinha outras clareiras senão os nossos pensamentos... E os nossos sonhos eram de que as árvores projectassem no chão outra calma que não as suas sombras... Foi decerto assim que ali vivemos, eu e não sei se mais alguém... Dizei-me que isto foi verdade para que eu não tenha de chorar...*

- A Alberto Caeiro. C Ricardo Reis.
 B Bernardo Soares. D Álvaro de Campos.

8. Das várias temáticas que aparecem em *O marinheiro* e que serão repetidas e reexploradas ao longo da obra de Fernando Pessoa, uma das mais marcantes é a oposição entre o tudo e o nada. Baseando-se no poema a seguir, descreva como essa oposição se apresenta na peça e como ela se relaciona com a obra do poeta.

Tabacaria

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

[...]

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944.

9. Observe a obra a seguir, do alemão Carlos Schwabe, e, na sequência, responda à questão.



Carlos Schwabe/Wikimedia Commons (Domínio público)

Quais relações podem ser estabelecidas entre o quadro *A morte do covheiro* e a peça *O marinheiro*, considerando os elementos que se repetem em ambos e sua inserção no Simbolismo plástico e teatral, respectivamente?

10. Leia o trecho que se segue, retirado da peça *O marinheiro*:

PRIMEIRA – *Fora de aqui, nunca vi o mar. Ali, daquela janela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se tão pouco!... O mar de outras terras é belo?*

SEGUNDA – *Só o mar das outras terras é que é belo. Aquele que nós vemos dá-nos sempre saudades daquele que não veremos nunca...*

Ao longo de toda a obra de Fernando Pessoa, o mar aparece como uma constante. O que ele simboliza?

- A) O misticismo de outras mitologias.
- B) O mundo externo e a realidade.
- C) O desespero e a incapacidade de compreensão da vida.
- D) O mundo imaginário e o bucolismo.

11. A peça *O marinheiro*, de Fernando Pessoa, é constantemente descrita como um drama estático. Com base na leitura da obra, aponte de que forma isso se dá e como essa característica se relaciona com o movimento simbolista.

12. Com base nos trechos apresentados a seguir, proponha uma leitura do símbolo da janela na obra de Fernando Pessoa.

Não basta abrir a janela

*Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.*

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caetano*. 10 ed. Lisboa: Ática, 1946.

[...]

Fecho, cansado, as portas das minhas janelas, excluo o mundo e um momento tenho a liberdade. Amanhã voltarei a ser escravo; porém agora, só, sem necessidade de ninguém, receoso apenas que alguma voz ou presença venha interromper-me, tenho a minha pequena liberdade, os meus momentos de excelsis.

Na cadeira, aonde me recosto, esqueço a vida que me oprime. Não me dói senão ter-me doído.

[...]

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, 1982. v. 2.

A coisa estranha e muda em todo o corpo,

*A coisa estranha e muda em todo o corpo,
Que está ali, ebúrnea, no caixão,
O corpo humano que não é corpo humano
Que ali se cala em todo o ambiente;
O cais deserto que ali aguarda o incógnito
O assombro álgido ali entreabrindo
A porta suprema e invisível;
O nexo incompreensível
Entre a energia e a vida,*

Ali janela para a noite infinita...
 Ele – o cadáver do outro,
 Evoca-me do futuro
 [Eu próprio dois?], ou nem assim...
 E embandeiro em arco a negro as minhas esperanças
 Minha fé cambaleia como uma paisagem de bêbedo,
 Meus projectos tocam um muro infinito até infinito.

CAMPOS, Álvaro de. Livro de versos. Lisboa: Estampa, 1993.

PRIMEIRA – Fora de aqui, nunca vi o mar. Ali,
 daquela janela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se
 tão pouco!... O mar de outras terras é belo?

PESSOA, Fernando. O marinheiro. In: Orpheu, n. 1.
 Lisboa: jan-mar. 1915.

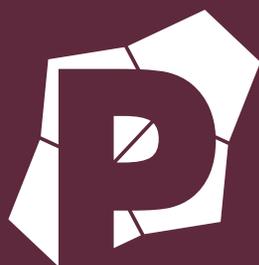
GABARITO

1. C
 O trecho é falado pela terceira veladora, personagem que remete à poesia de Álvaro de Campos, com quem compartilha a descrença e a desilusão.
2. B
 Entre as características mais marcantes de Alberto Caeiro, podemos encontrar o subjetivismo, o bucolismo e a linguagem simples; os três podem ser encontrados no trecho da peça, no qual a primeira veladora faz menções à natureza como lugar de felicidade e paz, recorrendo a uma linguagem direta e falando sobre suas emoções ao lembrar a proximidade com a natureza.
3. D
 Uma das características mais proeminentes de Ricardo Reis é a crença em mitologias não cristãs e o enaltecimento delas. A menção e o interesse pelas fadas, mostrado no trecho, aproximam os dizeres da veladora ao heterônimo de Pessoa.
4. Observa-se a presença do mar como elemento marcante na narrativa (e também na poesia), bem como as dicotomias entre ser e não ser e entre tudo e nada. Além disso, o trecho também apresenta uma reflexão sobre a falsidade e a realidade. Esses contrastes, assim como a dúvida, revelam-se na poesia ortônima e heterônima de Fernando Pessoa.
5. A
 Afirmativa I: incorreta. A primeira veladora aparece, na verdade, como um prenúncio de Alberto Caeiro. Entre as características atribuídas ao heterônimo estão o bucolismo, o subjetivismo e a linguagem simples e direta.
 Afirmativa II: correta.
 Afirmativa III: incorreta. A peça se apresenta como obra simbolista, mas seu formato é minimalista e foge do convencional.
 Afirmativa IV: incorreta. A terceira veladora representa a poesia de Álvaro de Campos, enquanto a donzela morta no caixão pode ser lida como uma representação de Fernando Pessoa.
 Afirmativa V: correta.
6. Dentre as possibilidades, há a linguagem ritmada, típica da poesia; a ausência de um cenário elaborado; a não utilização de ação dentro do drama; o foco puramente no texto, excluindo nomes de personagens; e o uso de símbolos como representação de reflexões mais densas.
7. A
 A personagem apresenta uma relação de comunhão e entrega à natureza, o que dialoga com a poesia de Alberto Caeiro.
8. Você deverá ser capaz de dissertar sobre a oposição tudo/nada na peça e como ela é o germen da poesia de Álvaro de Campos, representando a incerteza do homem e a incapacidade de dominar totalmente o sentido da existência.
9. Observam-se o tema da morte, a natureza dramática dos gestos das personagens e a presença do anjo como indicativos de que o quadro e a peça compartilham ideais do Simbolismo: o transcendentalismo, o misticismo e o questionamento da relação e dos limites entre sonho e realidade.
10. B
 O mar representa, ao longo da obra de Pessoa e especialmente na peça *O marinheiro*, a simbologia da realidade e do mundo externo, fora do sonho.
11. A peça tem um único cenário, muito simples, que não apresenta nenhuma ação ou movimento além da conversa entre as veladoras. Isso faz com que seja a obra ideal do Simbolismo, pois abre espaço para a experimentação textual, o investimento no ritmo das falas e a construção dos símbolos.
12. A janela aparece como símbolo de uma vida e um mundo exteriores, os quais se diferenciam do ambiente interno e do ambiente da imaginação e do sonho, que muitas vezes pode estar relacionado à ideia de isolamento e depressão. A janela surge, portanto, como uma possibilidade de respiro, de contato com o exterior; ao mesmo tempo, ela oferece o movimento contrário: a escolha de isolar-se do mundo quando este se revela demais.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br



2 0034 11 00013 1